

Destinar recursos para a educação é gasto ou é investimento? Uma aula pública

» DIONE MOURA

Diretora da Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB) e relatora da política de ações afirmativas da UnB

Congressistas, essa aula é para vocês, a quem nos dirigimos enquanto agentes públicos que vocês são, uma vez que prestam serviço ao Estado brasileiro. Enquanto agentes públicos, devem cumprir os preceitos constitucionais ao servirem ao Estado. E como agentes públicos, nunca é tarde para voltarem aos bancos da universidade. Então, nossa aula pública aqui nesta coluna de opinião é para refletirmos: destinar recursos para educação é gasto ou investimento?

Começemos nossa aula pública expondo o suporte que nós, universidades públicas, oferecemos para o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB). Tome-mos um exemplo. Criada em 1953, no ensejo da campanha O petróleo é nosso, a Petrobras tem um vínculo permanente com os laboratórios de pesquisa das universidades públicas brasileiras. A partir dos cursos e laboratórios de geologia, a maior parte vinculada a programas de pós-graduação, surgem os conhecimentos que fundamentam os mapas geológicos brasileiros. E quais cursos de graduação compõem os profissionais da Petrobras? Segundo os editais de seleção, os valerosos quadros da Petrobras são graduados em administração, análise de sistemas, ciência de dados, economia, engenharias (civil, elétrica, naval e de equipamentos), enfermagem, geofísica, geologia, jornalismo, medicina, publicidade e propaganda, química, além dos cursos técnicos — técnico em segurança do trabalho e técnico em logística, entre outros.

Sem investimento em educação e em universidades públicas, teríamos a qualidade da Petrobras? Sim ou não? Não. Então, por qual motivo muitos continuam a argumentar, retoricamente, que educação é gasto, e não investimento? Afinal, por trás de cada vitória da Petrobras, há centenas de docentes, técnico-administrativos e laboratórios de pesquisa de nossas universidades. Sim, por meio de quadros, como os que formamos para a Petrobras e para outras empresas de grande valor, nós, universidades, construímos o PIB brasileiro. E podemos fazer mais.

Criada em setembro de 1972, a Empresa Brasileira de Agropecuária (Embrapa), com qua-



dros profissionais formados majoritariamente por universidades públicas brasileiras, desenvolve, há mais de 50 anos, com muito sucesso, em laboratórios em parceria com programas de pós-graduação de todo Brasil, tecnologias e insumos para o êxito da agricultura e do agronegócio brasileiro, sem falar no papel das universidades na proteção aos biomas. Quem são os profissionais que sustentam a Embrapa e, portanto, a base de tecnologias do agronegócio e são formados por nós, universidades públicas? São, conforme consta dos editais de concurso da Embrapa, profissionais formados em administração, agronomia, ciências biológicas, ciências da natureza, ciências da terra, economia (agrícola, florestal e rural), engenharias (agrícola, agrônômica e ambiental, entre outras), estatística, física, matemática, matemática aplicada, matemática computacional, oceanografia, psicologia, química, química industrial, sociologia, tecnologia da informação, veterinária e zootecnia. Sendo assim, como supor, congressistas, que o investimento em educação — a mesma educação que gradua os quadros da Embrapa, que desenvolve tecnologias em parceria com a Embrapa, tecnologias que alavancam o nosso agronegócio e, portanto, o nos-

so PIB — é um gasto e não um investimento?

Alguns congressistas e agentes políticos se equivocam ao nomear a educação como gasto. Estão com os olhos enevoados e os ouvidos ensurdecidos pelo canto do cisne do Estado mínimo. Porém, quando chega uma pandemia ou uma inundação, socorrei-nos, Estado (não o Estado mínimo, esse não socorre ninguém).

Educação, congressistas, está escrito na Constituição, é direito de todos e dever do Estado. Logo, não é gasto, é investimento. É a educação a mola mestra de um PIB robusto e sólido, vide exemplo de nosso papel estruturante enquanto universidades públicas perante instituições como Embrapa e Petrobras, para citar somente duas.

Lembrem-se disso, necessariamente, ao debaterem e aprovarem a Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) 2025. As cartas do Andes e da Fasubra incluem o desenho da necessidade de recuperação salarial, entre outros aspectos, e tais cartas podem subsidiar as decisões da LDO com ampla segurança para um Brasil de futuro. Recomendamos fortemente a leitura. Nos falaremos na próxima aula pública. Será uma satisfação parabenizá-los, se cumprirem a lição, congressistas.

Lugar de inteligência artificial é no campo

» JULIANE LEMOS BLAINSKI

Mestre em agronomia pela Unioeste e doutora em biotecnologia e biociências pela UFSC. CEO da ManejeBem, startup que leva desenvolvimento para comunidades vulneráveis

Muito se fala sobre inteligência artificial (IA) e como ela está cada vez mais frequente nas nossas vidas, da educação até o entretenimento. Para alguns, um perigo. Para outros, uma nova perspectiva de transformar o futuro. Para nós, “startupeiros” diretamente ligados à tecnologia rural, a IA é um divisor de águas que nos ajuda a mudar a realidade de muitas comunidades rurais vulneráveis.

O levantamento do Censo Agropecuário de 2017, último da série histórica, revela que a agricultura familiar no Brasil é a base da economia de 90% dos municípios brasileiros com até 20 mil habitantes. A pesquisa também apontou que 77% dos estabelecimentos agrícolas do país foram classificados como de agricultura familiar. Por essa relevância, digo que é no campo que a IA precisa estar!

E a capacitação tecnológica desse produtor rural familiar é essencial para que ele possa aproveitar os benefícios das novas tecnologias. Se adicionarmos o fator crise climática, a IA se torna fundamental, principalmente nas comunidades agrícolas vulneráveis, por não terem tantos recursos financeiros para passar por crises graves.

Imagine você ser um produtor familiar, de uma comunidade rural do interior do Amazonas, em um lugar que sofre com cheias e secas dos rios, que deverão se tornar mais

intensas. Dentro da sua realidade humilde e pouco tecnológica, como você se prepararia para um advento climático extremo, seja de chuva, seca ou de pragas?

Eu respondo. É por meio de algoritmos de inteligência artificial, que deverão te ajudar com a análise de dados em tempo real para identificar padrões e prever problemas, permitindo a tomada de decisões mais informadas. Sem contar que os algoritmos de IA podem analisar dados históricos e climáticos para prever o rendimento das colheitas, ajudando a planejar melhor as atividades e a gerenciar riscos.

Hoje, as notícias sobre crise climática estão direcionadas para as tragédias do Rio Grande do Sul. Amanhã, será qual estado? Lá no Amazonas, já tem alerta de estiagem extrema que pode impactar a produção rural familiar. Para diminuir esses impactos, é preciso que políticas públicas estejam alinhadas com o desenvolvimento da população e a utilização de medidas urgentes, como levantar dados para prever perdas e, logo em seguida, sugerir soluções.

Muitos modelos de IA podem ajudar o produtor rural a planejar a rotação de culturas e o uso eficiente da terra, maximizar a produção e manter a saúde do solo. Além de ajudar a monitorar o impacto ambiental das práticas agrícolas e sugerir melhorias.

O uso da inteligência artificial dentro da produção rural funciona nas duas pontas: atua na mitigação de efeitos das crises para o produtor, mas também ajuda nas abordagens mais sustentáveis de manejo da terra e dos alimentos. Mas como é que um produtor rural familiar lá do interior do Amazonas poderá ter acesso a tal tecnologia?

Essa é a pergunta que devemos responder com ações! É a partir desse olhar sobre a escassez de recursos que transforma as comunidades rurais em lugares vulneráveis que precisamos nos debruçar. Pois vemos, claramente, a importância de abordar sobre esse esquecimento tecnológico — principalmente em relação aos agricultores familiares que são figuras indispensáveis nesse processo de preservação ambiental tão debatido.

A união do Poder Público com iniciativas privadas é necessária para trazer mais programas de treinamento e capacitação tecnológica, ampliando a compreensão sobre práticas agrícolas sustentáveis e mitigatórias, além de levar a implementação de redes de internet eficientes, pensadas para esses produtores vulneráveis. O não letramento tecnológico na agricultura familiar resulta em práticas ultrapassadas e ineficientes, dificultando a minimização de danos das crises climáticas.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Perseguição aos cristãos prossegue sem tréguas

Nesses tumultuados dias, não está nada fácil seguir o maior pregador da paz e do amor que já existiu sobre a Terra. Na verdade, nunca foi uma tarefa fácil segui-lo e muito menos pregar seu maior ensinamento, que era o de amar uns aos outros. Seus principais discípulos, aqueles que testemunharam e beberam na fonte a água cristalina do cristianismo e que, depois de sua morte prematura, foram para os quatro cantos do mundo conhecido naquela época pregar a Boa Nova formaram a primeira fileira de mártires, mortos de forma desumana e imotivada.

Mateus passou por um martírio sobre-humano, vindo a morrer ferido de espada. Marcos morreu em Alexandria, arrastado por cavalos pelas ruas da cidade. Lucas foi enforcado na Grécia. Pedro foi crucificado de cabeça para baixo. Tiago, decapitado em Jerusalém. Bartolomeu ou Nathaniel foi martirizado na Armênia, esfolado por chicote. André foi crucificado na Grécia. Tomas, esfaqueado na Índia. Judas Tadeu foi morto a flechadas. Matias, apedrejado e decapitado. Paulo foi torturado e decapitado a mando de Nero em Roma, em 67 d.C. João, depois de ser fervido em óleo quente, salvou-se desse suplício, sendo o único que morreu de velhice.

Depois desses apóstolos e ao longo dos séculos, centenas de milhares de outros discípulos foram sendo mortos de forma bárbara, talvez cumprindo o que está escrito em Mateus 24:3-14: “Vocês serão presos, perseguidos e mortos. Por minha causa, serão odiados em todo o mundo.” Para muitos, ainda hoje, toda essa situação de martírio e perseguições sofridas pelos seguidores de Cristo se deu devido a contextos históricos próprios, em uma época convulsionada e de muitas rivalidades e fanatismo. Nada mais irreal. Ainda hoje, e até de forma mais violenta e em maior quantidade, os cristãos continuam a ser perseguidos e mortos por sua crença.

Notícias que não param de chegar dão conta de que a perseguição a cristãos tem atingido números alarmantes. De acordo com o que informa a organização Portas Abertas, na Lista Mundial da Perseguição 2024, o número de incidentes contra cristãos e suas igrejas vem aumentando de forma assustadora, com ataques a templos, escolas e hospitais cristãos.

Segundo o levantamento, referente ao período de outubro de 2022 a setembro de 2023, ataques contra igrejas saltaram de 2.110 para 14.766. A lista informa, ainda, que o número de cristãos espancados ou ameaçados passou de 29.411 para 42.849. As residências de cristão foram atacadas de forma nunca antes vista, passando de 4.547 casos para 21.431 — ou seja um aumento da intolerância de 371%.

Por outro lado, o número de cristãos forçados a abandonar suas casas saltou de 124.310 para 278.716. São números assustadores e que demonstram que, mesmo passados mais de 20 séculos, os seguidores do chamado Príncipe da Paz continuam sendo alvo de guerra santa, cercados de todos os lados, perseguidos não só por questões religiosas, mas sobretudo por motivos políticos, sociais e econômicos, entre outros.

Essa lista trazida pelo informe Vatican News diz ainda que, nesses mais de 50 países pesquisados, a discriminação contra cristãos vem crescendo de forma exponencial, o que perfaz, somente nesse levantamento mais de 365 milhões de pessoas diretamente afetadas por conta de sua fé. Esses são os números mais elevados dos últimos 31 anos.

» A frase que foi pronunciada

“A Igreja Católica é tão perseguida porque assim foi também perseguido o seu Divino Fundador”

São Pio X

Sumiu

» No início da L2 Sul, havia o primeiro prédio residencial com varanda em Brasília. Era do Itamaraty.

Pela vida

» Mães do DF doam leite para as crianças internadas em hospitais públicos. No site amamentabrasilia.saude.df.gov.br ou pelo número 160 (opção 4), a doadora é cadastrada e instruída sobre o armazenamento do leite. Bombeiros vão buscar até a residência. Todos de mãos dadas pela vida.

Conclusão

» O evento realizado pelo Hospital Regional do Gama (HRG) foi um marco de reconhecimento e incentivo à doação de leite humano. A colaboração entre o HRG, os doadores e o Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal exemplifica como o trabalho conjunto pode criar um impacto positivo significativo na saúde e no bem-estar da comunidade.

» História de Brasília

O IAPI já começou a limpeza da Superquadra 305. Um novo almoxarifado está sendo construído ao lado do Hospital, no caminho da Cidade Livre, e as residências da W-2 serão transferidas para ali. (Publicada em 10/4/1962)